

REDES ASSOCIACIONISTAS: INSTITUIÇÕES, FUNÇÕES E SABERES NO DIÁLOGO COM OS EDUCADORES INDÍGENAS DE PERNAMBUCO

Douglas Ferreira da Silva¹; Jaqueline Barbosa da Silva²

¹Estudante do Curso de Pedagogia - CAA – UFPE; E-mail: douglas2010.com@hotmail.com,

²Docente/pesquisador do Núcleo de Formação Docente – CAA – UFPE. E-mail:

Jaqueline.barbosa@yahoo.com.br

Sumário: A pesquisa buscou compreender a contribuição das Redes Associacionistas no processo de formação inicial e continuada dos educadores indígenas de Pernambuco. Para fundamentarmos nossa discussão, servimo-nos do levantamento da literatura da área, a saber: redes associacionistas (GOHN, 2005; 2011; FREITAS, 2005), bem como das reflexões teórico-metodológicas acerca dos estudos pós-coloniais (MIGNOLO, 2008; TORRES, 2011). Para estabelecermos um diálogo entre as referidas categorias, nos utilizamos da abordagem qualitativa na perspectiva plurimetodológica. A coleta das informações, através do uso de questionário, entrevistas abertas e seminário temático, aliaram-se a análise de conteúdo temática (BARDIN, 2009). As redes associacionistas acessadas pelos educadores indígenas de Pernambuco estão representadas por espaços educativos diversos que disponibilizam saberes advindo das experiências formativas e que contribuem para aprendizagens sócio-políticas. Os estudos levaram-nos a compreender que as redes associacionistas contribuem significativamente no processo de formação inicial e continuada dos educadores indígenas de Pernambuco, disponibilizando ensinamentos para a vida e o próprio modo de vida.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena; Formação para a vida; Redes Associacionistas;

INTRODUÇÃO

Os estudos Pós-Coloniais Latino-Americanos filiam-se a história dos sujeitos historicamente marginalizados e colonizados, fragmentando secundarizando costumes, cultura e conhecimentos não evidenciados pelo Estado Nacional.

O contato com esses estudos nos proporcionaram um diálogo com a *geopolítica do conhecimento*, ou seja, a partir desta divisão entre a periferia e o centro, foi possível perceber que por diversas vezes, não é feito um diálogo entre os saberes que o educando traz da sua trajetória de vida e os saberes que existem nos currículos das instituições de ensino, desencadeando a colonização do saber, que resulta na fragmentação das aprendizagens dos educandos (MIGNOLO, 1996; TORRES, 2011).

As redes associacionistas se traduzem numa possibilidade de espaço que potencializa o surgimento de impactos frente à defesa da educação enquanto direito social público, rompendo com a transmissão instrumentalizada dos conteúdos formais de ensino, de modo a evidenciar os trajetos formativos adquiridos por cada sujeito aprendente, pertencente a essas redes. Enquanto local de aprendizagem e solidariedade, essas redes potencializam a vida democrática, atribuindo sentido e significado as relações não-mercantis na articulação coletiva, haja vista a soberania popular e os direitos sociais humanos (FREITAS, 2005; GOHN, 2005).

O Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, do Centro Acadêmico do Agreste da UFPE, atende exclusivamente indígenas que atuam na educação escolar indígena no

estado de Pernambuco. Este Curso conta com a presença de 12 etnias indígenas de Pernambuco, são elas: Atikum, Entre Serras, Fulni-ô, Kambiwá, Kapinawá, Pankaiwká, Pankará, Pankararu, Pipipã, Tuxá, Truká e Xukuru, ambas localizadas no agreste e no sertão do estado.

Os educadores indígenas vinculados ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, desenvolvido pelo CAA/UFPE, vivencia o cumprimento de uma organização curricular modular que contempla a metodologia da Alternância entre o Tempo-Universidade e o Tempo-Comunidade. Esta organização é vivenciada mensalmente, ao longo de uma semana, contemplando atividades realizadas no processo de formação presencial e no Tempo-Comunidade, compreendido como períodos intensivos de formação presencial nas comunidades indígenas, com a realização de práticas pedagógicas orientadas no Tempo-Universidade (UFPE, 2014).

Assim, as redes associacionistas acessadas pelos educadores indígenas de Pernambuco caracteriza-se pela diversidade de saberes que contribuem para a reafirmação da educação escolar indígena específica e diferenciada.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa elegeu a abordagem qualitativa, com enfoque na perspectiva da triangulação, combinando diferentes instrumentos.

Os educadores indígenas selecionados para o estudo possibilitou compreender a contribuição das redes associacionistas no processo de formação dos educadores indígenas de Pernambuco.

A pesquisa constituiu-se de três fases. A primeira fase contou com o aprofundamento teórico dos estudos Pós-Coloniais Latino-Americanos e das redes associacionistas. Na segunda fase, elaboramos os instrumentos de coleta de dados, a saber: questionário, entrevista aberta e seminário temático. E, por fim, na terceira fase, submetemos os resultados das informações a análise de conteúdo temática (BARDIN, 2004), socializando-os com os participantes da pesquisa.

AS REDES ASSOCIACIONISTAS ACESSADAS PELOS EDUCADORES INDÍGENAS: espaços e saberes

No conjunto de 155 educadores indígenas, vinculados ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, 68 contribuíram com a pesquisa, destes 55 pertencem ao sexo feminino e 13 são do sexo masculino.

Os instrumentos utilizados para coleta das informações permitiu acessar as redes associacionistas e os saberes disponibilizados pelas mesmas. A comunidade, a casa e a retomada do território destacam-se entre os espaços acessados pelos educadores indígenas. Nestes espaços, os saberes assumem o caráter formativo na organização dos povos e para a vida em comunidade. Abaixo podemos observar os espaços que foram apontados durante a entrevista, pelos educadores indígenas.

A COPIPE está na resposta de quase todos os educadores, mesmo que junta de outras instituições e/ou programas, a importância da mesma é algo muito reconhecida pelos educadores indígenas de Pernambuco, conforme os depoimentos a seguir: “A COPIPE é o apoio né? É o suporte, que nos mantém né? Por que quando a gente busca, quando tá surgindo problema, aí eles vem né?” (Educadora 3). Ou ainda, quando a mesma é enfatizada pela contribuição dispensada as reivindicações dos direitos indígenas,

[...] a COPIPE na verdade é a cabeça de tudo, né? Por que a COPIPE é composta de lideranças, a COPIPE ela vem de um conselho interno, e aí ela vem lá dos povos, articulando em um conselho interno, aí ela vem pra briga, cara a cara com o governo, é ela que abre esses caminhos. Na verdade é a COPIPE que abre esses caminhos, e que faz com que hoje nós estejamos aqui (Educador 4).

Dessa forma podemos compreender que a COPIPE é de fato uma organização que tem papel crucial na formação dos educadores, pois, além de ser a Comissão dos Professores Indígenas de Pernambuco, é um espaço de luta e de movimentos que levam em consideração a formação profissional, mas também política dos povos, e principalmente dos educadores que são também formadores de opinião dentro e fora das aldeias.

Outrossim, a educação escolar indígena está intrinsecamente ligada a organização dos Povos e as suas lutas, evidenciando ensinamentos do próprio modo de vida da comunidade, afirmando suas raízes étnico-culturais.

Os saberes que foram destacados pelos indígenas de como advindos desses espaços acima citados se destacam como os *saberes para a vida, para a atuação profissional e para as lutas do movimento*, ou seja, para a vida constitui-se não apenas em instrução e/ou reprodução de métodos, para os educadores indígenas a educação para a vida está intrinsecamente ligada às lutas do movimento indígena pela garantia de direitos, que vai desde a reivindicação pelas terras até a luta por uma educação escolar específica e diferenciada. Os saberes para a atuação profissional se configuram nas formações que fornecem subsídios para a construção de um projeto político pedagógico diferenciado, além de contribuir na prática dos educadores na realização de suas atividades. Os saberes advindos das lutas do movimento, são saberes que em sua maioria são acessados no processo de retomada de território, sabendo que, o momento de reivindicação e lutas é riquíssimo em aprendizagens, pois é nele que os mais novos iniciam o processo de reafirmação étnica e cultural.

O apoio, enfatizado pelos educadores, reflete-se na aquisição de saberes, garantindo aos educadores indígenas a continuidade da formação, seja para a aquisição de conhecimentos *outros*, seja na escolha profissional.

Em relação a essa singularidade, a educadora indígena afirma: “[...] *eu posso ser tudo o que você é sem deixar de ser o que eu sou. Não importa onde eu vá, o que eu faça, que eu possa aprender a mais, mas, eu nunca vou deixar de ser indígena, de ser uma índia* (Educadora Atikum).

Assim, a reafirmação étnica é enfatizada como sendo um dos saberes disponibilizados pela COPIPE, seja valorizando a cultura e os costumes dos Povos, seja disponibilizando conhecimento e valores que respeitam a singularidade e particularidade dos sujeitos e Povos indígenas. Ou seja, o acesso a esses espaços *outros*, proporcionam uma aprendizagem mútua, voltada para o aprimoramento dos conhecimentos do Povo e para viver em sociedade. Nesta direção, a COPIPE, junto aos demais espaços formativos, desempenha uma função formativa e pedagógica, seja disponibilizando recursos financeiros, seja reafirmando a identidade étnica.

A contribuição disponibilizada pela família e a comunidade indígena possibilita aos educadores indígenas os primeiros ensinamentos da luta pela terra, impulsionando-os para outros espaços formativos, a exemplo da retomada de território.

A aprendizagem para a vida, segundo os educadores indígenas, é uma forma de saber que contempla a vida em comunidade, a defesa de mesmos pontos de vista em relação à luta diária que é estabelecida pelos indígenas que diz respeito a defesa dos seus direitos. Em relação aos saberes para a vida, os educadores afirmam que advém dos princípios de uma “[...] *aprendizagem baseada no respeito mútuo, por que toda a*

sociedade, não só os povos indígenas, é digno de respeito... e assim, a educação ofertada, não é só para vivermos como indígenas, mas também perante a sociedade” (Educatória 6). Destacamos também o depoimento do educador 4, que amplia a reflexão anterior, afirmando que a educação para a vida “*É uma educação indígena, essa que a gente já aprende junto com a família, e quando a gente vai pra escola, a gente vai aprimorar aqueles conhecimentos, e sim, aprender a sociedade no geral* (Educador 4).

Dessa forma, os estudos levaram-nos a compreender que as Redes Associacionistas contribuem significativamente no processo de formação inicial e continuada dos educadores indígenas de Pernambuco, além de compreendermos que o rompimento com a unicidade dos saberes, promove a abertura de espaço para o diálogo entre as múltiplas formas de construir conhecimento, reconhecendo os sujeitos como atores e produtores do saber.

CONCLUSÕES

As contribuições dos mais velhos, anciãos e lideranças, no processo formativo dos povos indígenas, estão presentes nos discursos dos participantes da pesquisa, evidenciando a valorização dos saberes tradicionais que são passados de geração em geração.

A reafirmação étnica advém da troca de saberes entre os integrantes de cada povo, bem como das aprendizagens que são contempladas durante os intercâmbios de saberes, os quais vão além da simples mediação de conhecimentos específicos, considerando as particularidades da organização dos Povos e suas reivindicações

Dessa forma, as redes associacionistas acessadas pelos educadores indígenas de Pernambuco caracterizam-se pelos saberes adquiridos em espaços *outros*, contemplando aprendizagens múltiplas.

Sendo assim, compreendemos que as redes associacionistas contribuem significativamente para o processo de formação inicial e continuada dos educadores indígenas de Pernambuco, garantindo um espaço de diálogo entre as comunidades indígenas e a formação para a vida.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq-PROPESQ/UFPE pelo financiamento da pesquisa, à professora/orientadora Jaqueline Barbosa da Silva, sempre solícita e disponível diante das dúvidas, e, por fim, aos educadores indígenas de Pernambuco que contribuíram no acesso de informações a pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- FREITAS, Alexandre Simão de. **Fundamentos para uma sociologia crítica da formação humana**: um estudo sobre o papel das redes associacionistas. 395f. Tese (Doutorado em Sociologia), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.
- GOHN, Maria da G. M. **Movimentos Sociais e Educação** – 6. Ed. Revista – São Paulo : Cortez, 2005.
- _____. **Educação não formal e cultura política**: impactos do associativismo no Terceiro Setor. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.

MIGNOLO, Walter. **Herencias coloniales y teorías postcoloniales**. Biblioteca virtual de Ciencias Sociales, 1996. Disponível em: <<http://www.choconautas.edu.pe.br>>, acesso em : 20 de novembro de 2014.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Abrasco, 1993.

SILVA, J. B.; SILVA, E. F. **SUJEITOS APRENDENTES E SUAS EXPERIÊNCIAS NOS ESPAÇOS DE UMA REDE ASSOCIACIONISTA**: da Digitalização à vida.

ALAS, Chile, 2013.

TORRES, Denise Xavier. **Concepções de avaliação da aprendizagem de professoras que atuam em escolas situadas nas áreas rurais**. Recife. Editora Universitária da UFPE, 2011.